

O LEGADO FANTÁSTICO DE UM BRASIL

EL MARAVILLOSO LEGADO DE UN BRASIL

Ronald Ferreira da Costa¹

Resumo: O artigo, a propósito do qual o título sugere *algum* Brasil entre os demais, tem por objetivo chamar atenção a uma leitura negligenciada no ilustrar de uma identidade brasileira. É na busca da conformação originária de um povo e uma cultura – relacionada aos ambientes tão particulares, dada a diversidade da geografia brasileira – que se direcionam as presentes linhas. Dos incomuns denominadores, assumiu-se a tríade basilar apontada por Euclides da Cunha, qual seja, o europeu, o autóctone e o africano. Nesse panorama, dados os sucessos do relativismo, busca-se essa identidade sociocultural brasileira já desprendida de uma cultura de empréstimo, embora marcada eternamente pelo estigma calibanesco.

Palavras-chave: Colônia; Estigma; Idioma; Fantástico.

Resumen: El artículo, a propósito del cual el título sugiere *algún* Brasil dentre los demás, tiene como objetivo llamar la atención a una lectura negligenciada en lo ilustrar una identidad brasileña. Es en la búsqueda de la conformación original de un pueblo y una cultura – relacionada a los ambientes demasiado particulares, teniendo en cuenta la desemejante geografía brasileña – que se siguen las presentes líneas. De los incomunes denominadores, se ha asumido el trípode basilar desarrollado por Euclides da Cunha, cual sea, el europeo, el autóctono y el africano. En este panorama, con los sucesos del relativismo, se busca la identidad sociocultural brasileña ya libre de una cultura de préstamo, aunque ya señalada eternamente por el estigma de Calibán.

Palabras-clave: Colonia; Estigma; Idioma; Maravilloso.

UMA DRAMÁTICA COLONIZAÇÃO

Nasci num país cujo idioma, singularmente único por essas terras, bem poderia, ideologicamente, carregar adjunto um Filho ou Júnior no nome. Notórios são, contudo, as dessemelhanças até semânticas que nos identificam do original, ainda que ele perdure como estigma maior da derivação da cultura de alhures, já mais distante até do que haja sido todo um Atlântico desconhecido naqueles tempos. Dista, não em absoluta alteridade, mas na apropriação – se é possível apropriação para o conjunturalmente imposto – das demais culturas e no tão peculiar meio conformador não menos merecedores do título de progenitor conjunto.

¹ Mestrando pelo Programa de Pós Graduação em Letras – Estudos Literários da UEL (Universidade Estadual de Londrina), bolsista da CAPES e docente seletista na UTFPR – Universidade Tecnológica Federal do Paraná, campus Cornélio Procopio.

Ainda que dessa conformação muito se haja tratado, não deixa de ser perturbador observar que o grande ensaísta cubano, pelas causas latino-americanas, Fernández Retamar, ao “discutir com os colonizadores”, lance a meta-textual pergunta: “¿de qué otra manera puedo hacerlo sino en una de sus lenguas, que es ya también nuestra lengua, y con tantos de sus instrumentos conceptuales, que también son ya nuestros instrumentos conceptuales?” (RETAMAR, 1971, p. 15 grifos do autor). É ainda curioso que, em princípios do século XVII, na efervescência dos assuntos ora contemporâneos da expansão marítima, a sutileza e a perspicácia do gênio teatrólogo² o haja mencionado nas bocas antinômicas de Próspero-Calibán em derradeira obra largamente citada.

Prescindindo da menção às hipotéticas ou documentais influências que tivera Shakespeare na composição da obra, basta notar os nomes das personagens citadas para percebermos a leitura de uma nascente burguesia européia acerca desse novo mundo. Não que Shakespeare – implacável realista, como menciona Fernández Retamar – pecasse por tendencioso burguês ao nomeá-los, mas, ao contrário, provável fosse a crítica, uma vez contrabalanceando o nomear com a visão utópica do sempre sábio Gonzalo. A relação que se nos figura, portanto, é a de Próspero, aquele que coloniza e domina onipotente com seus livros e suas artes liberais, símbolo – ainda que escusado por óbvio – da *prosperidade*, frente ao disforme e selvagem Calibán, a quem não são poucos os epítetos injuriosos. Filho de uma bruxa argeliana, de lá expulsa, com um demônio patagônico, é a única *criatura* autóctone, e tem no nome o estigma de sua natureza – em espanhol, um anagrama de *canibal*, que eram os *canibales* habitantes do *Caribe* (por derivação), e que, descendentes do grande *Can*, comiam gente. Pudessem ou não sê-lo e ter caldas e focinhos caninos, fato é que foram os mais valentes dessas terras e, por isso mesmo, dizimados no maior *etnocídio* da história.

No primeiro ato, cena II, Shakespeare nos releva toda essa conturbada relação colonizadora. Calibán, ao reclamar, na sua condição servil, pela posse da ilha, que lhe fora herdada por sua mãe, uma vez usurpada por aquele que antes lhe fazia carícias, por quem tinha amizade e a quem mostrara as fontes e as terras férteis, será repreendido:

(PRÓSPERO)...Siendo tal basura, te traté humanamente, y te alojé en mi celda hasta que pretendiste forzar la honra de mi hija.

(CALIBÁN) ¡Ja, ja! ¡Ojalá hubiera podido! Tú me lo impediste. Si no, habría poblado de Calibanes esta isla.

² SHAKESPEARE, William. *La Tempestad*.

(PRÓSPERO) ¡Odioso esclavo (...) Me dabas lástima, me esforcé en enseñarte a hablar y cada hora te enseñaba algo nuevo. Salvaje, cuando tú no sabías lo que pensabas (...) yo te daba las palabras para expresar las ideas. Pero, a pesar de que aprendiste, tu vil sangre repugnaba a un alma noble...
(CALIBÁN) Me enseñaste a hablar, y mi provecho es que sé maldecir. ¡La peste roja te lleve por enseñarme tu lengua! (SHAKESPEARE, p. 12-3).

Esse trecho nos revela ainda uma ideologia xenofóbica execrando qualquer possibilidade de Próspero convir em que Miranda se miscigenasse com Calibán. Reconhece-se, não obstante, sua utilidade em lhes levar lenha e em outras tarefas, pelo que não prescindem dele a despeito das recorrentes maldições, que são sua única arma contra o opressor intruso, a língua e os *instrumentos conceptuales* herdados.

Ora, somente este fato nos gera um conflito identitário. Como pensar a *natura gentis* sob o instrumental alheio sem incorrer em sua ideologia? Parece-nos preciso ainda algum afastamento deste ponto para tal vislumbre. Para o momento, é mister mencionar, no desenlace da mesma peça, sua profunda carga semântica.

Depois de malogradas as respectivas insurreições contra o rei de Nápoles, Alonso, e contra Próspero, em razão mesmo do seu próprio poder, este alcança seus objetivos no desenlace da trama. Sua filha Miranda, a que deve ser contemplada³, representa a própria nobreza e suas virtudes, e está por contrair matrimônio com Fernando, príncipe de Nápoles, para o quê apressara-se em arranjar Próspero e assim garantir uma genealogia nobre. No quinto ato, cena I, apresenta-se, diante da cela em que jogam xadrez os noivos, todo o séquito real e, para além ou para aquém do desenlace, aqueles aparecem num diálogo, aparentemente fortuito: “(Miranda) *Mi señor, me haces trampa. / (Fernando) No, mi amor, no lo haría ni por todo el mundo. / (Miranda) Sí, y lo harías por ganar veinte reinos, más yo lo llamaría juego limpio*” (Ibid., p. 50). Um enxadrista iniciante já não teria dificuldades em perceber nesse trecho a justificativa burguesa e expansionista de qualquer atrocidade cometida contra os povos *bárbaros* ou *selvagens* em nome de um ato *civilizador*; por vinte reinos, um jogo limpo.

³ Do Latim, participio futuro passivo do verbo MIRARE, desinência feminina: Aquela que deve ser admirada, contemplada.

Na segunda metade do século XVI, Montaigne já havia escrito, em seu brilhante e despretencioso *Essais*, “...cada qual considera bárbaro o que não se pratica em sua terra (...) A essa gente chamamos selvagens como denominamos selvagens os frutos que a natureza produz sem intervenção do homem”, e mais adiante, “Esses povos não me parecem, pois, merecer o qualitativo de selvagens somente por não terem sido senão muito pouco modificados pela ingerência do *espírito humano*” (MONTAIGNE, 1987, p. 101, grifo nosso). É certo que já não se trata de uma visão burguesa de direita – uma incipiente classe, nascitura no seio da sociedade feudal, como força produtiva pelo afã de riquezas e propriedades privadas que configurou uma revolução contra os privilégios de classe e os direitos da coroa, e que se dispôs a assumir toda a sorte de impiedades num novo mundo onde idealizava reformas ainda não realizadas na metrópole, como nos explica Fernández Retamar e seu histórico líder cubano Fidel Castro⁴. Por outro lado, havia a esquerda dessa mesma burguesia, com uma visão mais humanista e utópica, claramente assumida por Montaigne, ainda que adstrita ao seu tempo, pois a humanidade – ou o *espírito humano* – ainda estaria vinculada à intervenção do progresso metropolitano, como se a civilização dos *enemigos* – em alcinha de Fernández Retamar – fosse prerrogativa à subsistência dos não civilizados; e assim já pensara nosso ilustre correspondente de Canudos, como também, vale o indulto, homem de seu tempo, conforme veremos mais adiante.

Se Shakespeare, afinal, havia considerado a obra de Montaigne, como é consenso, é tema de pouca monta para uma mais profunda consideração. Certo é que estão ali representadas as duas ideologias burguesas; está Calibán, como versão degradada e inumana do colono visto pelo colonizador, e está Gonzalo, com seu discurso (extraído de Montaigne?) utópico de encantamento às maravilhas de um não-lugar.

Temos, pois, a possibilidade de identificação das três bases conformadoras de nossa singular gênese social. Próspero, como já antecipamos, representa a evolução; o elemento europeu que “...nos liga à vibrátil estrutura intelectual do celta” (CUNHA, 2002, p. 101).

Calibán, por sua vez, é a única personagem nascida na ilha, e representa, portanto, a figura autóctone, o nosso indígena que, no entender do mesmo autor, fora “...inapto ao

⁴ Trata-se de um discurso proferido por Fidel Castro na cidade de La Habana em 4 de fevereiro de 1962; disponível em: <http://www.ciudadseva.com/textos/otros/colon01.htm>

trabalho e rebelde sempre” (Ibid., p. 125); características muito bem ilustradas por Shakespeare.

Finalmente Ariel – na nossa leitura, não menos importante – figura-se-nos, aparentado ao *homo afer*, trazido daquele continente já como escravo e com todo o seu peculiar misticismo – advindo, no caso histórico, de sua estranha religiosidade, o que resultou numa equivocada depreciação da mesma.

Ora, fora necessário a Shakespeare velá-lo como espírito do ar – para o qual poderíamos atribuir outro anagrama, *el Aire* – a fim de não chocar seu público cortês com um negro em papel tão *sensible* como o de Ariel. É ele, pois, detentor de toda a magia – negra, como nos revela o próprio texto – e de poderes misteriosos, não obstante controlados por Próspero, que por si já trazia sua arte à qual os somara.

Curiosa também é a postura de Ariel frente à dominação. Diferentemente de Calibán, este é submisso como só o negro fora nesse processo de colonização, uma “...organização potente afeita à humildade extrema, sem as rebeldias do índio” (CUNHA, 2002, p. 125) como, séculos depois, nos aparece descrito em *Os Sertões*; e fora preciso mais algumas décadas para que também Gilberto Freyre (FREYRE, 1984 – 1996) o fizesse e, ademais, nos mostrasse o protagonismo africano não só como força de trabalho, mas como possuidor de diversas ciências já desenvolvidas em sua terra de origem e muito bem exploradas por seu dominador, das que adviriam, portanto, o caráter maravilhoso de Ariel.

Por essas tantas considerações das dramáticas analogias, por demais alongadas, prescindamos doravante das idéias pré-concebidas de que fosse nossa cultura apenas um *pálido sucedâneo* ou um “*eco desfigurado de lo que sucede en otra parte*” (RETAMAR, 1971, p. 9), e passemos a refletir acerca daqueles elementos conformadores de nossa singularidade com o auxílio mais centrado em Euclides da Cunha.

OS TRÊS ELEMENTOS

Ainda que *Os Sertões* pudesse haver sido vislumbrado como mero relato da cruelíssima campanha de Canudos, nos chega, não obstante, com outra feição, segundo o próprio autor nos prefacia. Preocupa-se com aquilo que então acredita urgir. Além da denúncia aos crimes da campanha, da qual não prescinde, é imperativo o registro dos traços

mais expressivos das *sub-raças* sertanejas do Brasil, uma vez que as vê na iminência de sua extinção. Sem entrar no mérito de discutir ali um possível cientificismo ou análises que o valha, apreciemo-lo em sua magnitude, extraindo dele as considerações válidas ao nosso escopo.

No concernente àqueles três principais elementos que nessas terras se miscigenaram, nos importa considerar não um produto comum e unitário – que seria absurdo – mas um *desdobramento* num número igual de *subformações* que, segundo a incidência de cada qual – sem mencionar o meio diferenciador e as demais imigrações de menor ocorrência – formar-se-ia um tipo étnico mui particular à ascendência e na sua conseqüente descendência, num encadeamento extremamente complexo. Desse modo, sua conclusão é que “Não temos unidade de raça. Não a teremos, talvez, nunca. Predestinamo-nos à formação de uma raça histórica em futuro remoto, se o permitir dilatado tempo de vida nacional autônoma” (CUNHA, 2002, p. 104). Esta, entretanto, é uma conclusão parcial.

A partir desse trecho, é-nos proposto compreender – ainda com Euclides da Cunha – a variabilidade climática do Brasil que configura um quarto elemento preponderante, com conseqüências também antropológicas. Com abundantes descrições particulares dos fenômenos mais diversos no *jogar das antíteses*, desde as maiores *inclemências* da natureza até a *benignidade extrema*, no passo de todas as coordenadas geográficas, chegamos ao entendimento de que o *clima*, “[...] preparou o advento das sub-raças diferentes, pela própria diversidade das condições de adaptação” (Ibid., p. 120). Esse panorama, porém, resulta ligeiramente vago sem maiores considerações.

Dentre outros particulares, lancemos mão do exemplo emblemático do sertanejo, que é peça chave na obra de Euclides da Cunha. E tantas foram as conjunturas que possibilitaram a gênese de tipo tão peculiar, entre as quais, um clima subtropical único, para o quê nos é chamada a atenção. A fim de chegarmos nele, o autor então nos mostra uma divisão muito marcada das incidências étnicas em cada espaço territorial. Da porção negra, como ponto *incontroverso*, nos revela:

[...] as numerosas importações de escravos se acumulavam no litoral. A grande tarja negra debruava a costa da Bahia ao Maranhão, mas pouco penetrava no interior. Mesmo em franca revolta, o negro humilde feito quilombola temeroso, agrupando-se nos mocambos, parecia evitar o âmago do país. Palmares, com seus

trinta mil mocambeiros, distava afinal poucas léguas da costa. (Ibid., p. 125).

Assim, enquanto o “elemento africano de algum modo estacou nos vastos canaviais da costa” (Ibid., p. 125), no vale médio do rio São Francisco chegava impetuoso o *ondular das bandeiras* em busca de suas preciosas minas, erigindo um povoamento de todo distinto:

[...] aquela rude sociedade, incompreendida e olvidada, era o cerne vigoroso de nossa nacionalidade. Os primeiros sertanistas que a criaram, tendo suplantado em toda linha o selvagem, depois de o dominarem escravizaram-no e captaram-no aproveitando-lhe a índole na nova indústria que abraçaram. Veio subsequente o cruzamento inevitável. E despontou logo uma raça de curibocas puros quase sem mescla de sangue africano, facilmente denunciada, hoje, pelo tipo normal daqueles sertanejos. Nasciam de um amplexo feroz de vitoriosos e vencidos (Ibid., p. 133).

De nenhum modo obstante à miscigenação quase exclusiva entre o *celta* e o *tapuia* que ocorreu naqueles planaltos, há duas conjunturas que nos são forçosas considerar. De antemão, a *seleção natural* diante da natureza inclemente do sertão que “opera-se à custa de compromissos graves com as funções centrais do cérebro (...) visando o ideal de uma adaptação que tem, como conseqüências únicas, a máxima energia orgânica e a mínima fortaleza moral” (Ibid., p. 113), meio onde já se viam adaptados aqueles silvícolas e que desafiava a valentia bandeirante. Por outro lado, conformada aquela *subraça* de mamelucos⁵, o meio inóspito e inacessível, entre a Serra Geral a leste e os campos gerais do ocidente, lhes divorciara do Brasil em três séculos de insulamento, e “é natural que grandes populações sertanejas (...) se formassem ali com a dosagem preponderante do sangue tapuia. E lá ficassem ablegadas (...) até a nossa idade, num abandono completo, de todo alheias aos nossos destinos” (Ibid., p. 140).

Assim, o sertanejo, a despeito de tudo, é um tipo antropológico de *uniformidade notável*. Uma *subcategoria* étnica já constituída, o considera Euclides da Cunha, mas por questões mui particulares do todo histórico, como vimos.

Como sempre procuramos frisar, Euclides da Cunha nos está falando no século XX mais preambular, e não há qualquer viabilidade em lá buscar conceitos contemporâneos com

⁵ Mameluco: descendência do branco com o índio, frequentemente também chamado de curiboca.

pouco mais de um século que nos separa. Sem, contudo, lançar mão de ressalvas que o assegurem lugar de autoridade, como fosse palavra desatualizada – e não o é – nos interessa, outrossim, com o amparo desses autores mais reconhecidos, vislumbrar a evolução dos modos de raciocínio que, de sua culminância atual, muito tem a nos dizer. Seu conceito, portanto, acerca dos fenômenos da mestiçagem, é-nos relevante nesse sentido histórico, pelo que o mencionaremos brevemente.

Parece contraditório que entre capítulos até laudatórios ao homem sertanejo, ocupe-se o autor em incluir um inteiro da mais aguda depreciação ao processo de mestiçagem. É equívoco comum supô-lo. Ocorre que sua tese é a de que o sertanejo seja um caso fortuito e único da história brasileira, que é antropológicamente indefinível. Logo, o raciocínio euclidiano nos salta pujante:

A mestiçagem extremada é um retrocesso [...] de sorte que o mestiço [...] é quase sempre um desequilibrado [...] as qualidades dos elementos que se justapõem não se acrescentam, subtraem-se ou destroem-se [...] menos que um intermediário, é um decaído, sem a energia física dos antecedentes selvagens, sem a altitude intelectual dos ancestrais superiores. (CUNHA, 2002, p. 141-2).

E com relação ao sertanejo, que “é um retrógrado, não um degenerado” (Ibid., p. 144), atribui sua superioridade em relação ao mulato do litoral⁶– e às demais mestiçagens – fundamentalmente em razão do *abandono em que jazeram* (os sertanejos). No seu isolamento, não houve um desproporcionado cruzamento de culturas nem tampouco a imposição de uma extremamente superior na *delicadíssima* fase de sua formação, como ocorrera no litoral banhado pelas imigrações européias. Sua evolução psíquica poderia então esperar seu desenvolvimento, pois já teria um tipo físico constituído.

São pouquíssimas linhas que, evidente, não tiveram a pretensão de esgotar tão vasta obra, mas apenas delinear alguns aspectos da formação nacional em particular modelo, a fim de um vislumbre universal pela ótica desse ilustre autor.

Sem desmerecida admiração, é oportuno contrapormos opiniões acerca de algumas facetas do nosso objeto.

⁶ Mulato: descendência do branco com o negro.

UMA CULTURA MARAVILHOSA

A ilha de Cuba presenteou a América Latina com algumas mentes notáveis. Uma delas é o criador do *Partido Revolucionario Cubano*, José Martí. Conhecido por seus conterrâneos como *El Aspóstol*, foi, antes de tudo, um humanista, e já na segunda metade do século XIX, escrevia à nossa *América Mestiza*⁷: “*No hay odio de razas, porque no hay razas (...) Peca contra la humanidad el que fomente y propague la oposición y el odio de la razas*”. É bem recente a discussão antropológica acerca da terminologia *raça* – ainda largamente encontrada na obra de Euclides da Cunha, como podemos observar – que deveria ser substituída por *etnia*, uma vez que a única raça considerada existente pela antropologia atual seria a *homo sapiens sapiens*. Martí, no entanto, já renegava o termo, ainda que ideologicamente.

Fernández Retamar, grande admirador de Martí, nos apresenta, por sua vez, a *indiscutible tesis* de que “*todo hombre es un mestizo, e incluso toda cultura; aunque esto parece especialmente válido en el caso de las colonias*”; e mais adiante:

En estos pueblos (dos países europeos), en grado mayor o menor, hay mestizaje, por supuesto, pero es siempre accidental, siempre al margen de su línea central de desarrollo. Pero existe en el mundo colonial, en el planeta, un caso especial: una vasta zona para la cual el mestizaje no es accidente, sino la esencia, la línea central: nosotros, 'nuestra América mestiza'. (RETAMAR, 1971, p. 12. Grifos do autor)

Já não vemos aqui nenhum traço depreciativo a esse fenômeno que nos toca, a todos os latino-americanos, já que mestiçagem não implica em uma carência de identidade, mas ao contrário, é o que este autor chama de *cultura de síntesis*, a qual “*...no se limita de ninguna manera a repetir los rasgos de los elementos que la compusieron*” (Ibid., p. 116), e que é justamente a idéia do termo *conformação*, ao qual vimos preferindo ao prescindir do seu derivante.

Antropólogo contemporâneo a Fernandez Retamar, igualmente perspicaz, é Fernando Ortiz. Também cubano, nos dá visão amplificada desse fenômeno – somados os sentidos étnico e cultural – e nos brinda com a terminologia mais adequada a essa ocorrência: *transculturación*.

⁷ MARTÍ, José. *Nuestra América*.

...en todo abrazo de culturas sucede lo que en la cópula genética de los individuos: la criatura siempre tiene algo de ambos progenitores, pero también siempre es distinta de cada uno de los dos. En conjunto, el proceso es una transculturación, y este vocablo comprende todas las fases de su parábola. (ORTIZ, 1991, p. 90. Grifo do autor).

É o que Humpty Dumpty chamara de *palavra-valise* – como nos diria Lewis Carroll. O termo foi para Fernando Ortiz um neologismo que criara para que pudesse expressar as peculiaridades de nossa formação cultural. Nesse belo ensaio, o autor faz uma profunda analogia entre as principais culturas de sua terra – o tabaco e a cana-de-açúcar – e esse processo de *transculturación*, circunscrito à história de Cuba, mas que tantas similitudes traz à brasileira, se não pela metrópole ou regime político, pelo que, através de todo esse complexo processo de formação, nos resultou de próprio, como identidade. Aqui, pois, nos aproximamos do cerne ao qual nos propusemos.

Um dos mais influentes romancistas da América-latina no século XX, Alejo Carpentier, bem percebera esse traço identitário ao compor o ensaio *De lo real maravilloso americano*. Apresenta-nos ali uma trajetória pessoal em viagem por culturas bem alheias à própria, para só então, no seu retorno, sentir-se seguro para ponderar sobre o fenômeno literário dessas terras, que não se restringe à literariedade, mas sabe-se reflexo de uma cultura, nossos modos de raciocínio tão sem-par. Sua definição, portanto, é:

...que lo maravilloso comienza a serlo de manera inequívoca cuando surge de una inesperada alteración de la realidad (el milagro) de una revelación privilegiada de la realidad, de una iluminación inhabitual o singularmente favorecedora de las inadvertidas riquezas de la realidad, de una ampliación de las escalas y categorías de la realidad, percibidas con particular intensidad en virtud de una exaltación del espíritu que lo conduce a un modo de 'estado límite' (...) la sensación de lo maravilloso presupone una fe. (CARPENTIER, 1976, p. 93).

Diante dessa definição, com toda sua profundidade, parece-nos escusada qualquer amplificação retórica, e por sua originalidade, não há substituí-la. Exemplos em nosso objeto, no entanto, é de recorrência assaz identificável, ao que ilustraremos com um mais representativo na narrativa euclidiana.

Antônio Conselheiro, figura insólita e controversa, é reflexo preciso da sociedade que o criou, mas como um exponencial perturbador “indo para a história como poderia ter ido para o hospício” (CUNHA, 2002, p. 182). Já no auge de sua influência não premeditada no povoado sertanejo, lê-se:

À sua sombra descansara o peregrino. Era um arbusto sagrado. À sua sombra curavam-se os crédulos doentes; as suas folhas eram panacéia infalível. O povo começava a grande série de milagres de que não cogitava talvez o infeliz... (Ibid., p. 199).

E mais adiante, sobre as prédicas do *conselheiro*:

Ele ali subia e pregava. Era assombroso, afirmam testemunhas existentes [...] Ninguém ousava contemplá-lo. A multidão sucumbida abaixava, por sua vez, as vistas, fascinada, sob o estranho hipnotismo daquela insânia formidável. E o grande desventurado realizava, nesta ocasião, o seu único milagre: conseguia não se tornar ridículo... (Ibid., p. 200-1).

Entre tantos aspectos que daquela definição poder-se-iam destacar na narrativa geográfica dessa obra como “*ampliación de las escalas y categorías de la realidad*” – como uma Amazônia hiperbólica – ou como um “*estado límite*” da campanha, na resistência épica dos jagunços, ou pela “*fe*”, na figura do próprio sertanejo, um *Hércules-Quasímodo*, cuja religiosidade, igualmente mestiça, “...reverberava à cadência forte das fogueiras inquisitoriais” (Ibid., p. 173), conservada intacta nos sertões, escolhemos esse, por mais emblemático.

Já também não se quer dilatar em possibilidades da redundância, de modo que, nos trechos citados, se condensam a “*inesperada alteración de la realidad (el milagro)*” – que por si já “*presupone una fe*” – e as conjunturais ocorrências “*percebidas con particular intensidad en virtud de una exaltación del espíritu*”.

Esse último aspecto, no entanto, é o que merece maior destaque dada nossa proposta objetiva. Já nas cartas de descobrimento⁸ – por todos aqueles mesmos elementos citados na definição do *maravilloso* por Alejo Carpentier – vemos a gênese do caráter *fantástico* de nossas terras. Estão ali, exacerbações superlativas de toda sorte, como as “*árboles de mil maneras y altas y parecen que llegan al cielo [...] que jamás pierden la hoja*”, agravadas

⁸ COLÓN, Cristóbal. *Carta anunciando el descubrimiento*

todas pelo imaginário da metrópole. É certo que a natureza dessas terras lhes fosse, em alguns aspectos, até inaudita e incitasse as mais profundas curiosidades e devaneios das gentes do velho mundo, como tudo o que é novo, mas o ponto – valha para o aspecto negativo ou positivo – é o que nos oferece, mais uma vez, Fernández Retamar:

Se trata de la característica versión degradada que ofrece el colonizador del hombre al que coloniza. Que nosotros mismos hayamos creído durante un tiempo en esa versión sólo prueba hasta qué punto estamos inficionados con la ideología del enemigo.
(RETAMAR, 1971, p. 23).

Sem restringir-nos ao sentido específico, pois trata ali do resultado criminal dessa versão degradada e inumana do selvagem a quem fosse imperativo o extermínio, ressaltamos o fato de ainda crermos, se não em todas, nas muitas versões do *enemigo* – em oposição metafórica – daquilo que somos e daquilo que temos, pois os deles são também os nossos olhos, se essa foi a mentira histórica que nos foi contada. Assim se revela aquela religiosidade do sertanejo, mas talvez, assim também o nosso senso crítico acerca de nós mesmos, agrilhoados ao idioma e aos *instrumentos conceptuales* dos quais já não queremos nos desvencilhar, nem tampouco lamentamos por havê-los assumido como o fizera Calibán. Basta-nos agora encontrar nossa identidade, se etnicamente o não tê-la é o que nos identifica.

Sob o pressuposto de que a literatura é reflexo fidedigno da sociedade que a compõe, por ambivalência de direcionamento, apegamo-nos ao caráter Fantástico, ou *Maravilloso*, da sociedade para compreender a literatura, ou da literatura para compreender a sociedade. Se vivemos num imaginário insólito em razão de haver-nos contado esse embuste, cumpre-nos notar a altitude de nossa literatura única por este orbe, como é única nossa história, nossa conformação e nossa gente de tez também únicas entre si, fato que não nos isenta da urgência da reflexão acerca desse imaginário.

Se há um aspecto amplamente exemplificado em nossa literatura, como poderíamos destacar em Alejo Carpentier, Júlio Cortázar, Gabriel García Marquez, Jorge Luis Borges, João Guimarães Rosa – embora, no entanto, incorramos infalivelmente na injustiça àqueles que nos escapam – que é justamente o imaginário *maravilloso* ou fantástico, como retrato daquela ambivalência sociedade-literatura já mencionada, há, por outro lado, o aspecto do imaginário estigmático cujos exemplos cumpre-nos buscá-los em auto-exame nas vezes em

que preterimos do próprio em virtude do alheio; e, igualmente, não faltarão exemplos, como assumir uma etiqueta própria da corte francesa do século XII, ou assumir uma culinária, uma indumentária e uma música concebidas para outro contexto e outro clima como ideais para o nosso, como distintivos de classe elitista.

Ao propor tais reflexões, como se pôde notar, nos remontamos aos intelectuais nelas comprometidos do início do século XX, a partir de quando vemos crescer a recorrência da reclamação de uma identidade, pela qual tanto se lutou e tantos morreram nos processos da conquista e das independências. Nesse sentido, vemos então em José Martí, Alejo Carpentier, Fernández Retamar, Fernando Ortiz e Gilberto Freyre, aqui recuperados, uma postura intelectual já positivamente identitária, o que não ocorre – pelo que é forçosa a ressalva – em Euclides da Cunha que, apesar da denúncia de Canudos, não deixa, ao compor sua obra, seu tom positivista nos juízos antropológicos. Igualmente se dá com Montaigne e, como era de supor, Shakespeare, apesar de sua escritura visionária. Nestes, temos a problemática da colonização levantada, mas em tempos pré-revolucionários⁹, quando não se podia ver o aspecto positivo que se viria reclamar por essas terras.

Para, contudo, entregar a Shakespeare o mérito de visionário secular, que se lhe fosse proposta a reformulação da intriga; que *Calibán* alcançasse seu objeto, miscigenando-se com *Miranda*; que *Ariel*, feito homem que deveria ser, também o fizesse, e que toda sorte de incesto a partir de então fosse concebida – em aforismo de Barleus (apud CUNHA, 2002, p. 122), *ultra equinotialem non peccavi*¹⁰ – assim, a intriga daria conta do fenômeno antropológico e social do novo mundo. Mas não se lhe pode negar o acerto em nos mostrar nosso próprio estigma calibanesco, o idioma com o qual nos resta maldizer, para que ao menos nos compreendam as maldições.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

CARPENTIER, Alejo. De lo real maravilloso americano. In *Tientos y diferencias*, pp. 83-99. Calicanto Editorial, Buenos Aires, 1976.

⁹ A primeira revolução que culminou em independência da colônia se deu – bastante precocemente em relação aos demais – no Haiti no ano de 1804.

¹⁰ Para além da linha equatorial não há pecado.

COLÓN, Cristóbal. *Carta anunciando el descubrimiento*. 15 de fevereiro de 1493; versão virtual disponível em: <http://www.ciudadseva.com/textos/otros/colon01.htm>

CUNHA, Euclides da. *Os Sertões (campanha de Canudos)*. Ed. Martín Claret, São Paulo, 2002.

FREYRE, Gilberto. *Casa Grande & Senzala*. Ed. José Olympio, Rio de Janeiro, 1984.

_____. *Sobrados e mucambos: decadência do patriarcado rural e desenvolvimento do urbano*. Editora Record, Rio de Janeiro, 1996.

MARTÍ, José. *Nuestra América*. Ensaio em versão virtual, disponível em: <http://www.ciudadseva.com/textos/otros/nuestra.htm>

MONTAIGNE, Michel de. *Ensaaios*. Ed. Nova Cultural, São Paulo, 1987.

ORTIZ, Fernando. *Contrapunteo cubano del tabaco y el azúcar*. Editorial de Ciencias Sociales, La Habana, 1991.

RETAMAR, Fernández. *Calibán – Apuntes sobre la cultura de nuestra América*. Editorial La Pléyade, Buenos Aires, 1971.

SHAKESPEARE, William. *La Tempestad*. Libros Tauro; versão virtual disponível em: http://www.mad-actions.com/docs/the%20tempest_esp.pdf . Optou-se pela tradução espanhola em virtude da maior compreensão dos anagramas, supostamente criados para essa língua.

[Recebido: 26.nov.10 - Aceito: 22.mai.11]